

O FIGUEIROENSE

SEMÁNARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR — ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Sets meses	3600 "
Para o Brazil, por anno	2\$000 "
Para a Africa, por anno	1\$200 "
Numero avulso	30 "

Annuncia-se as horas das quaes se recebe 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
 Administracão — RUA DA AGUA
 FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello	10 "

Originacs sejam ou não publiendos não se restituem
 Annuncios permanentes e comunicados
 preço convencionado.

EXPEDIENTE

Achando-se preenchidos os recibos referentes a um anno d'assignatura d'este semánario, contado do dia 20 de agosto de 1907 a igual dia de agosto do corrente anno, roga-se aos Ex.^{mas} assignantes a obsequiosidade de mandarem pagar os seus recibos ou declararem se desejam que a cobrança seja feita por intermedio do correio, favor que antecipadamente muito se agradece.

O CULTO DA BANDEIRA

Todos os povos civilizados, todos os povos semi-barbaros, os selvagens mesmo, arvoram a sua bandeira, que lhes serve de insignia, de signal em redor da qual se agrupam ou para defeza da terra patria, ou para dirimir luctas intestinas, ou para a desfaldar nos grandes jubilos, ou ainda para a revestir de crepes, quando sobre a nação, a tribu ou a familia pesa a dôr de lutos irremediáveis.

A bandeira não é mais que um retalho de seda ou de outro qualquer tecido, no qual um povo faz bordar ou estampar insignias que, para elle, symbolisam todos os seus ideaes de independencia, de progresso e de civilisação e até todas as suas tradições.

A bandeira portugueza que ha oito seculos acompanha a nacionalidade de um povo, pequeno pelo territorio que occupa e pelo numero, mas grande pelos feitos heroicos que praticou e que estão profundamente esculpidos nas paginas de bronze da historia universal, essa bandeira azul e branca, com as quinas e os sete castellos, que representa para nós? Que define?

Representa um grande culto, o culto da patria; define todas as energias da raça lusitana, essas energias que se foram desenvolvendo e radicando, primeiramente para combater os inimigos da sua religião e a

seguir para constituir uma patria independente; depois, expulso o mouro ou submettido, para levar até á Africa iniciativas indomáveis e dar começo a essa era historica de conquistas, de descobrimentos e de expansibilidades, que causam o espanto do mundo e se impõem ás gerações vindouras.

Representa ainda a resurreição da mesma raça, quando apóz o desastre de Alcacer Quibir, apóz a morte do moço rei D. Sebastião que encarnava todas as aspirações e todos os defeitos aventureiros do seu povo, teve de curvar a cerviz ao jugo dos Filippes, voltando, decorridos sessenta annos, a recuperar a perda independencia.

Representa e define todas as luctas que teve de travar para sahir vencedora nas batalhas de Montijo, do Ameixial e de Montes Claros e, passado quasi seculo e meio, para resistir aos exercitos napoleonicos que, successivamente commandados por Junot, Sout e Massena, invadiram o pequeno Portugal.

Eis o que é a nossa bandeira, da qual disse um insigne publicista:

«Consagram-se as benções da Igreja, jura-se sobre ella, arvora-se ao lado da cruz, no cimo dos templos, nas ameias das fortalezas, em cada navio, no topo dos mastros, na fachada dos edificios publicos;—assim como tremúla com galhardia nas festas e commemorações de gala, assim se cobre de crepes nos lutos nacionaes; recebe as continencias militares e, depois das grandes victorias, é condecorada. O recinto onde se recolhe é sagrado. Desfaldada á frente dos vencedores, é a expressão da gloria que os irradiá; desdobrada sobre um ataúde, é demonstração do reconhecimento e da saudade da patria para com o extincto que a amou e ella perdeu.»

E' effectivamente tudo isto; é ainda uma parcella da patria onde quer que no estrangeiro appareça hasteada, significando a sua alma, o seu genio, as suas tradições e a sua historia. Nenhum filho de Portugal pôde ser insensivel a esse symbolo da sua nacionalidade, principalmente quando esteja distante da terra que o viu nascer.

Ora, a essa bandeira prestou-se no dia 15. em Lisboa, uma homenagem, que calou bem fundo na alma nacional, homenagem revestida de todas as galas e que deu lugar ás mais calorosas e entusiasticas manifestações ao rei, ao exercito e aos regimentos com o numero d'aquelles que ha 100 annos combateram pela independencia da patria.

Rendeu-se um culto e cumpriu-se um dever, culto que o paiz sente, dever a que todos nós estamos obrigados. Bem andaram os que promoveram a homenagem e esse culto á bandeira nacional. A festa passou, mas a sua significação não desaparece.

Edificio Escolar

Ha mais d'um anno que as obras do novo edificio destinado á installação das escolas dos dous sexos na sede d'este concelho, se acham paradas com grave prejuizo do empreiteiro e do proprio edificio.

Dizem-nos que a demora na conclusão da obra é devida a não ter ainda sido approvedo um orçamento complementar em que figuram obras a mais, que foram julgadas indispensaveis para o regular funcionamento das mesmas escolas.

Não sabemos se isto é verdade; mas seja ou não, devemos concordar que o procedimento é incorrectissimo, muito principalmente pela pouca consideração que se presta aos benemeritos que cederam gratuitamente o terreno para o edificio e ainda uma avultada quantia para a sua construcção.

Confiamos em que o nobre ministro d'Obras Publicas ordenará que o edificio seja concluido em breve praso, coroando assim de bom exito os esforços dos nossos conterraneos.

NOTICIARIO

Na segunda feira ultima tivemos o prazer de receber na nossa redacção os Ex.^{mas} Srs. Marianno Pires Franco, A. A. da Costa, Henrique P. de Moura, A. Barata da Silva, Fructuoso Pires, Diogo A. Oleiro, José da Silva Bartholo, Fernando Bartholo e J. F. Barata, todos cavalleiros da Villa da Certã, que tendo vindo recreiar-se a Pedrogam Grande, assistindo á brilhante festa que alli teve lugar no domingo ultimo em honra da Virgem N. S. da Piedade, fizeram torneio por esta Villa, gentileza com que muito nos penhoraram e que reconhecidamente lhes agradecemos.

Tambem tivemos o gosto de cumprimentar na nossa residencia o nosso assiduo assignante e amigo, o Sr. João Coelho da Fonseca, digno Divisor na Secção Postal dos Correios de Lisboa, que regressava ao seu posto, depois d'uns breves dias de descanso na terra da sua naturalidade, Varzeas de Santa Catharina.

O nosso amigo era acompanhado pelas suas tres interessantes filhas e predilecto filho, que todos são dignos da maior estima pela esmerada educação de que são portadores.

Já regressou de banhos do mar o Sr. José Simões d'Almeida e sua esposa, d'esta Villa.

Retira amanhã para Castello Branco o nosso querido amigo Ex.^{mo} Sr. Manuel Lopes Pimentel, distincto Sub-Inspector d'instrucção primaria n'aquelle districto.

Na quarta feira ultima passou n'esta Villa, regressando de Lisboa á sua casa no Carregal Cimeiro da freguezia da Castanheira de Pera, o nosso presado assignante e bom amigo o Sr. José Henriques Fernandes.

No mesmo dia recebemos na nossa redacção o nosso assignante e amigo Sr. João Diniz, d'Amoreira d'Abrantes.

De visita ás Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Etelevina Serra e D. Maria Serra, encontra-se n'esta Villa a Ex.^{ma} Sr.^a D. Herminia Amelia de Araujo Winkler, de Leiria.

Retirou para Lisboa com seus filhos, o nosso assignante Sr. Manuel Pedro, industrial n'aquella cidade.

Já regressou dos banhos de mar, com sua familia, o nosso assignante Sr. João Pedro Godinho, proprietario do Hotel Cunha d'esta Villa.

Fallecimento

No dia 20 do corrente fomos dolorosamente surpreendidos com a triste noticia de ter perecido no dia anterior, na sua casa em Casaes proximo de Coimbra, aos estragos d'uma lesão cardiaca, o nosso querido amigo Sr. Anselmo Vieira de Campos, digno Pagador d'Obras Publicas do districto de Leiria.

O illustre extinto possuia um coração diamantino que o tornava creddor da estima de toda a gente que com elle convivia.

A sua morte é geralmente sentida, e nós, que tinhamos pelo morto estima sincera, lamentamos profundamente a perda d'um amigo que mereceu sempre a nossa leal dedicação.

Descance em paz a alma do nosso chorado amigo e receba a illustre familia do finado, as nossas despretenciosas palavras de respeitosa condolencia.

A DÔR

III

Em conclusão, a dôr, no seu sentido mais lato, é um dos grandes elementos da vida; é um dos principais agentes exteriores, contra o qual tem de reagir forçosamente.

Resultado da fricção que acompanha qualquer movimento, a dôr incita o esforço; faz reagir, incita. Porventura a irritabilidade não é uma das características essenciaes da vida?

Considerada d'este modo, a dôr apparece-nos como um elemento essencial na grandeza da existencia. E' necessario viver perigosamente, dizia Nietzsche. Este philosofo emittiu muitas opiniões contestaveis e contestadas, mas esta é justa.

E' vivendo perigosamente que se vive completamente. Muitas actividades ha que só se explicam pela excitação que as acompanha.

A dôr e a idea da dor excitam; são estimulantes.

FOLHETIM

TELEGRAMMA INESPERADO

IV

—Telegramma para uma senhora! exclamou Eugénia galhofeira—Tal vez alguma tão previdente como o cavalheiro!

—E' muito possivel! O chefe da estação mandou já indagar. Chama-se D. Eugénia Eduarda Ribeiro.

O corpo da joven foi terrivelmente abalado por um tremor nervoso. O seu rosto tornara-se intensamente pallido, ao balbuciar:

—Um telegramma para mim!

O velho companheiro de viagem quedou-se boquiaberto de surpresa.

Quanto a Francisco empallidecera tambem, mas não tanto como Eugénia que, n'aquelle momento, se sentia sob o dominio de impressões que nem mesmo sabia definir.

Mais senhor de si que a sua companheira, Francisco levantou-se e disse:

—Vamos ter com o chefe da estação, Eugénia.

—Meu Deus!—exclamou a joven—Que telegramma será?

—Bem depressa o saberemos—respondeu Francisco.

Diz-se: a fome e o amor guiam o mundo. Mas a fome é a dôr e o amor igualmente, antes durante e ainda depois.

Supprima-se a dôr e supprime-se-ha ao mesmo tempo o prazer. São duas vibrações da mesma corda. Supprimidas, que resta ao homem para o incitar? Nada.

Contemple-se um mappamundo. Onde vivem as raças dominantes, as que guiam o universo, as que possuem pela intelligencia e pela actividade todas as virtudes viris? E' nas regiões onde a vida é mais facil, onde a natureza fornece, por assim dizer espontaneamente, tudo quanto o homem necessita? Não; de modo algum.

Essas regiões foram sem duvida precisas para nascer o homem; outras, porem, mais rudes se tornaram imprescindiveis para elle se desenvolver, para viver perigosamente, á custa de uma lucta continua, incessante.

Os tropicos só nos apresentam povos abastardados, e só onde a natureza é menos generosa e pretende ser grangeada com sollicitude e affecto, é que a raça humana intelligente e forte se desenvolve verdadeiramente.

Não foi sómente de lêste para oeste que a civilização marchou; foi sobretudo do equador para o polo, do quente para o frio. Foram os habitantes das regiões agrestes e das montanhas que submetteram e escravizaram os povos das regiões doces e amenas, as nações das planícies viridentes.

Os povos que progridem são os que conhecem o frio. Os que o ignoram não tem esse excitante necessario e, portanto, não podem ir muito longe.

Dê-se, portanto, á dôr o lugar que lhe compete, a que tem direito.

A dôr é uma condição de progresso e de vida; é um factor da civilização, um educador dos homens, estimulando-lhes o esforço, a energia e a virilidade superior.

O temor de Deus é o começo da sabedoria, dil o a Escriptura.

Póde tambem dizer-se: As dôres

e o receio da dôr são o começo da energia em todo o ser intelligente, pois a intelligencia é indispensavel.

Não duvidamos repetil-o: As sensações dolorosas são essenciaes para a conservação do individuo e da raça. São o grito de alarme, o signal de perigo que vem lembrar ao homem que é necessario reagir e não deixar-se dominar pelo mal. E instinctivamente o homem assim faz, e auxiliado pela intelligencia e pelas lições e descobrimtos do passado, a sua lucta é cada vez mais energica, tendo sempre em vista a perfectibilidade.

Para ella tende e para ella trabalha e por isso grande é a dôr que impulsiona o homem a ser um ser aparte do mundo animal.

Abstracções

«Sou livre! ruge o bandido,
«Como o raio na amplidão,
«Como a lava do vulcão
«Ou como o longo estampido
«Do rimbombar do trovão!

«E por isso viva a bomba,
«O bacamarte, a navalha,
«Como toda essa metralha
«De que nem o diabo zomba
«Quando o tiro me não falha!»

E' assim que a liberdade
Geralmente é entendida
Por essa gente perdida
Que extrema perversidade
Só no crime encontra a vida.

«Sou livre! diz a virtude,
«Como a avezinha no ar
«Ou como o peixe no mar;
«E aconselho á juventude
«Uma vida exemplar!

«E por isso viva a ordem,
«A justiça, a equidade,
«Que manam da divindade:
«E que n'isto os bons concordem,
«Se não ai da sociedade!»

E' assim que o christianismo
Interpreta a liberdade
Que a surtir fraternidade
Conduz a esse altruismo
Que affaga a bella igualdade.

Mas será livre o perverso
Com toda a sua maldade?
Mas será livre a bondade
Que aqui se defende em verso
Tão simples como a verdade?

Este e Eugénia dirigiram-se para o gabinete do chefe, que os recebeu attentiosamente.

A joven balbuciou que lhe acabavam de dizer que, em poder do chefe da estação, estava um telegramma a ella dirigido.

—Como se chama V. Ex.ª?—perguntou o chefe.

—Eugénia Eduarda Ribeiro.

—Effectivamente é esse o endereço do telegramma. Antes de o entregar, porem—acrescentou o chefe—tenho de me certificar da identidade de V. Ex.ª

—Como!—Exclamou Eugénia.

—E' muito simples o que pretendo. Basta que V. Ex.ª me apresente um cartão de visita com o seu nome e dou-me por satisfeito.

Foi como que uma catastrophe.

Eugénia não tinha com ella nenhum cartão de visita.

O chefe ainda disse:

—E algum sobrescrito de carta com o seu nome?

—Nenhum tambem!

—Nesse caso, sem ninguém que identifique que V. Ex.ª se chama realmente Eugénia Eduarda Ribeiro, não posso entregar o telegramma.

—Mas, senhor, posso jurar que é esse o meu nome. Este senhor que me acompanha sabe tambem perfectamente que me chamo Eugénia Eduarda Ribeiro.

—Está tudo muito bem, mas desde que se deram alguns casos de mystificação, as ordens são formaes e temos de as cumprir á risca. O que posso admitir é que me apresente duas testemunhas que a identifiquem. Uma já aqui está; é este senhor. Falta a outra.

—Mas onde procural-a, se não conhece aqui ninguém!

E como se tivesse uma idea subita, acrescentou:

—Um instantinho, sr. chefe. Vou buscar a outra testemunha.

—Mas isso depressa. O comboio não tem mais de seis minutos de demora!

A pobre Eugénia correu para o restaurante seguida de Francisco.

—Meu Deus!—exclamou—Quem sabe o que terá succedido! Talvez a morte do papá, ou da mamã!... Oh, meu Francisco! Como me sinto cheia de remorsos! O que elles não sentiriam ao saber da minha fuga!

Ao entrar no restaurante, Eugénia viu o seu companheiro de viagem tomando uma chavena de café.

Com voz carinhosa e olhar insinuante, Eugénia disse-lhe:

—O cavalheiro póde fazer-me o obsequio de servir-me de testemunha.

—Eu, minha senhora! V. Ex.ª manda.

Se tudo é livre, senhores,
Que de sangrentos horrores!

L. Malheiros.

Gatunagem

A caza despensa do sr. Sebastião Francisco, d'Aldeia da Cruz, foi saqueada na noite de 17 para 18 do corrente, levando-lhe azeite, carne de porco e mel todo a varrer!

Entrar n'um pateo murado e arrombar uma porta a cinzel cortando pedra, é arrojado de mais!

Mas fez-se. E com «limpeza», que nem para «provas» lhe deixaram.

SECÇÃO ALEGRE

BAGATÉLAS

A sorte d'uns namorados

Em certo lugar da provincia corria como certo, que uma das mais guápas raparigas do sitio mantinha relações amorosas com um brioso rapaz d'alli, mas com praça effectiva em infantaria numero 23.

Dizia-se mais que, em todas as noites que o militar não estivesse de serviço, vinha a altas horas conversar com a sua adorada.

Os rapazes da terra andavam altamente empenhados em descobrir a verdade do que se dizia, porem, apesar de terem perdido muitas noites, nunca observaram cousa alguma que os levasse á convicção da verdade do boáto.

Estava-se em meados de outubro e na quinta da fidalga cuidava-se do fabrico da agua-ardente feita do engaçõ d'uvas.

Em uma das noites de vigia ao funcionamento do alambique, seria uma hora, sentiram-se passos na estrada que passa junto da casa, mas dadas por forma que bem se reconhecia a intensão de os occultar.

Este facto abalou um pouco o espirito do guarda, que não era dos mais animosos e, no dia seguinte, contou aos seus amigos o succedido e estes a outros e d'esta forma se espalhou por toda a parte, que junto á casa do alambique da fidalga andava o medo.

Em algumas palavras o companheiro de viagem foi posto ao facto do que se pretendia; que declarasse ao chefe da estação que ella se chamava Eugénia Eduarda Ribeiro.

E dito e feito. Não havia tempo a perder. Cumprida aquella formalidade, Eugénia recebe o telegramma que abre com mão tremula e febril.

Francisco teve de amparar a joven que cahiu quasi sem sentidos sobre uma cadeira, tal fôra a emoção que sentira, emoção de alegria, pois o telegramma continha estas palavras:

«Volta, minha filha. Sofremos muito com a tua ausencia, Far-se ha tudo como desejas.—Teus velhos paes.»

Houve um ou dous minutos de desvario quasi burlesco. Um carregador retirou do compartimento a bagagem dos fugitivos, depondo-a sobre o caes. Ainda este serviço não estava de todo completo; e já a sineta dava o signal de partida do comboio hespanhol, levando o velho companheiro para as rias azuladas da Galliza, estupefacto do desenlace inesperado da viagem dos dous fugitivos, agora esperando outro comboio que os levaria para o ponto de partida, felizes, mas sentindo ainda assim remorsos do acto que praticaram.

FIM

Os mais valentes rapazes do lugar deliberaram ir pernhoitar junto do vigia para observarem se o facto se repetia; mas perdendo umas poucas de noites sem que ouvissem cousa alguma, resolveram abandonar a pesquisa.

Passados dias, e em uma noite de um sabbado para domingo, sentindo novamente o vigia os mesmos passos, apagou a luz e foi collocar-se junto d'uma abertura que havia na parede da casa, para ver se podia descobrir quem andava aquellas horas por aquelles sitios. Alli se conservou por mais d'uma hora, e quando estava para abandonar o posto sentiu novos passos, vendo dois vultos occultos por uma manta alemtejana, não lhe tendo sido possível descobrir quem fossem.

No dia seguinte começou a constatar que a filha de Maria Thomazia havia desaparecido, sem que ninguem soubesse para onde.

O acontecimento deu muito que falar, fazendo-se mil conjecturas a seu respeito, não escapando a suspeita de que fosse o D. Ernesto filho da fidalga, que levasse consigo a bonita rapariga.

Passado um anno dava entrada em casa de Maria Thomazia a encantadora filha, radiante d'alegria e formosura, acompanhada por seu marido, o soldado do 23, a quem o numero 5380 da loteria havia contemplado com a taluda de vinte e cinco contos de reis, realisando-se por esta forma a felicidade de toda a familia.

A idade da Terra

Sir William Thompson, physico de larga fama, depois de ter estudado o assumpto, bazeando-se no proprio calor do globo e nas suas leis de resfriamento, na accção retardatoria das marés, na origem do calor solar e na idade do Sol, — tanto como elles a sabem! — declara que a Terra tem ou deve ter quatrocentos milhoes d'annos!

E o doctór nortamericano Hutchinson, geologo illustre, depois de haver estudado a questão cuidadosamente, bazeando-se nas alluviões do Mississippi, cujos sedimentos arastados ao Oceano se depositam n'uma area que pôde calcular-se igual á do leite do grande rio, sendo a espessura approximada d'esses extractos de trinta centímetros e meio por cada periodo de seis mil annos, etc. etc., acaba d'averçar a sua opinião dizendo que a Terra foi ou deve rolar no espaço infinito ha desasseis milhoes de annos!

Este sabio bazeia-se ainda, para melhor emittir a sua opinião, na duração dos tempos geologicos, — tanto como elles a sabem! — na formação das camadas terrestres, no tempo que as rochas levam para desmuronar-se, etc. etc.

— Uns pandegos estes senhores physicos e geologos.

O primeiro, fundando-se na Terra e no Sol, quer que a nossa esphera tenha 200 milhoes d'annos; o segundo, fundando-se apenas na Terra, quer que ella conte 16 milhoes d'elles.

Qual dos dois se terá approximado mais da verdade, é segredo profundo e sel-o-lra sempre. Mas o certo é que a differença de 184 milhoes d'annos que existe entre uma e outra opinião nos leva a crer que nenhum d'elles disse nada porque o assumpto em questão é dos puramente mateologicos.

Conta-se que a filha d'um astronomo que o acompanhava pelo cam-

po, ao vê-lo um dia cahir n'uma pequena cova, disséra:

— E' bem feito! Pois quer ver o que vae nas estrellas e não vê o que tem aos pés!?

Fallou bem a pequerrucha.

L. M.

SECÇÃO HISTORICA

OS FRADES DE JOÃO DE LEMOS

Mas a figura avoltava lá; e eu olhava para ella sem pestanejar.

Oh que se vós o visseis!

Era um ancião veneravel: tinha a fronte sinvê e pallida sulcada profundamente d'essas rugas horizontaes, que são como as ondas que vão morrer nas margens exteriores do oceano no tempestuozo dos pensamentos; o seu olhar era esse olhar manso, agasalhador, indulgente, que em certos velhos fascina e subjuga, e que nos faz dizer a nós os moços: «Quem me dêra ser teu filho!» Nas suas faces cavadas aninhava-se-lhe a fome ou a penitencia.

E' a fome! bradei eu pondo-me em pé; porque, correndo a vista ao longo da barba branca do ancião, vi que esta lhe calha sobre uma cogulla negra de monge benedictino.

Mas a vizão desaparecera de novo: e apenas me pareceu ouvir soar ao longe uma voz cava e debil, como a que sae do peito consumido por febre pulmonar, que recitava estas palavras do Psalmista:

«Judica me Deus, et diceme causam meam et a gente tua sancta et ab homine iniquo et doloso erue me.»

O circulo viciozo não existia. Cahira das idealidades do passado no mundo real, e ali n'uma das realidades mais torpes, mais ignominiosas, mais brutaes, mais estupidas e covardemente cruéis do século presente, que diante de Deus que o vê e o condemna, ouza gabar-se de grande e generoso e forte; mas em cuja campã o christianismo e a philozophia escreverão algum dia univocamente este letreiro:

«Aqui jaz a ultima era dos martyres.»

E puz-me a scismar.

«Erue-me! Erue-me!» O Senhor te resgatará, pobre monge; porque não larda a bater a lora em que dormas tranquillo na terra fria e humida como a estamenha que te cobre. Possas tu de lá perdoar-nos.

E largando os olhos em volta, perguntava a mim mesmo: «Porque possuo eu os commodos da vida, o pão do corpo e o pão do espirito; e porque perdeu elle tudo isso? Que bem tenho eu feito ao mundo, que mal lhe havia elle feito?»

A' lê que a minha consciencia não achou uma unica resposta cabal a tão simples perguntas.

A lembrança do frade velho atormentou-me toda a noite. A imaginação já não n'o pintava na passagem escura aonde surgira pela segunda vez: via-o na ideia; e ali, encostado ao roble, procurando conehegar os membros inteirigados na cogulla enchareada, e resguardar a cabeça calva ao abrigo do robusto madeiro.

Errante e mendigo como o Rei

Lear, o monge não tinha como elle para o guiar na solidão e na procella a caridade d'um truão.

E' que hoje não ha truões. Este século é um grave, serio e cogitador assassino.

De quantos anciãos veneraveis será historia a historia do meu benedictino?

«Mas elles tem pão: os soccorros publicos...!»

Olé, homens grandes, silencio!

Qual é o juro legal de cem milhoes?*

São cinco.

Quanto dizeis vós que afraes dos vossos baldões doirados aos ilotas da sciencia e do sacerdocio?

A oitava parte d'essa quantia.

Condemnasteis já porventura a arithmetica e o direito como superstições do passado? Se assim é, dizei-o. Aceitarei a condemnação, e depois só acrescentarei: Mentistes!

Mentistes, porque a somma de que fallaes existe apenas em palavras mais immundamente hypocritas, que as da serpente que tentou nosa primeira Mãe — as que se escrevem — nas paginas d'um orçamento.

«E a realidade?»

A realidade é a minha vizão: E' que o monge é mendigo.

Silencio outra vez, homens grandes! Tambem eu nasci n'esta terra e o meu sangue ainda não esqueceu o caminho das faces.

E se nós, geração do Progreso e da Philozophia, nos convertirmos á honestidade e dissermos: «Dê-se uma fatia de pão ao que morre de fome!» Mais: Se dissermos: «Pague-se o juro legal da expropriação?»

Se o fizermos, em lugar de sermos mil vezes uma coisa, cujo nome aqui não escreverei, sel-o-temos só noventa e nove; porque teremos restituído a millesima parte do que violentamente tirámos ou amiquillamos.

O homem não vive só de pão: dil-o um Livro que vós nunca lestes, mas que nem por isso tem deixado de ser por dezoito séculos o abrigo, a doctrina, a creença e a consolação d'innumeraveis milhoes d'individuos.

Calculastes jamais o que ha de insolente, d'atroz, de satânico, em chegar a um velho, Umar-lhe nas mãos todas as suas affeições, todos os seus trahitos de largos annos, todas as suas esperanças mais queridas, e partil-as e calcal-as aos pés, e dizer-lhe depois: «Dar-te-hei um bocado de pão?» Prometter pão aos setenta annos!... Feita a promessa a quem esperava morrer abraçado com o passado; que reportava a elle o presente e o futuro; que vivia só de memorias, esa promessa materialista e de escarneo bastaria para desbrontar-vos.

Que nome, porém se dará aos que nem essa mesma cumpriram?

Quaes podiam ser as affeições do antigo monge habitador d'um d'esses mosteiros solitarios espalhados pelas províncias, e afastados do tumulto das grandes cidades?

As suas affeições existiam todas dentro dos muros do claustro: Era a cella caiada e limpa; era a enxerga do seu catre; era a banca de pinho em que meditava e lia; era a poltrona tauxiada em que se assentava; era a estamenha ou o bafel do seu habito; eram as suas sandalias

de peregrino; era a cêrca fronteira da sua janella, onde o rouxinol cantava de madrugada; era o crucifixo do seu oratorio; era a lagem da crasta debaixo da qual dormiam seus irmãos mais velhos, aquelles que antes d'elle haviam seguido o caminho do Calvario, e d'onde pareciam chamal-o para o seio de Deus, quando os seus passos vagarozos soavam por cima da pedra.

N'isso, e em mil coizas como estas, estavam postos o seu amor, os seus affectos, as suas saudades, os seus desejos. Era o seu mundo esse; e a vida serena, callada, melanchólica, balouçava-se-lhe suavemente n'essas affeições do retiro.

Porque lhe despedaçastes tudo isto?

Quanto vos renderam a enxerga, as sandalias, a lagem do sepulchro e o crucifixo? Pobre velho! Pobre velho!

«Mas nós, acudireis vós, não pudiamos calcular essas coizas; não crê-nos em affectos moraes; temos cabeça, mas falta-nos coração, como conven a homens políticos. Os frades eram um elemento da sociedade antiga que cumpria annullar. Fizémos-o. E então?»

Então roubastes o diabo.

(Continua).

ANNUNCIOS

ADUBOS CHIMICOS

DA CASA

Henry Bachofen & C.

DE LISBOA

A mais importante fabrica do paiz e unica onde se fabricam superphosphatos

Aos que ainda não tenham applicado os adubos chimicos nas suas sementeiras, pede-se a fineza de informar-se, sobre o resultado obtido com os adubos da casa **Henry Bachofen & C.**

Em Figueiró dos Vinhos—Sr. Manuel Rodrigues Perdigão.

Em Pedrogam Grande—Srs. Dr. Eduardo Magalhães e José Pires.

Em Castanheira de Pera—Sr. Antonio Alexandre Alves Correia.

Em Certã—Sr. David Eanes e Silva.

Em Pedrogam Pequeno—Sr. Familia Serra.

Alem de outros competetissimos consumidores.

Todos os pedidos podem ser feitos directamente aos fabricantes, ou ao

Grande deposito

em Pedrogam Grande de

Manoel Rodrigues

Arrendamento de propriedade rustica

O abaixo assignado arrenda a sua quinta denominada **Do Tavares**, com as condições que exporá a quem a pretender.

Samuel de Lacerda Almeida

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

* Quarenta mil contos, porque são milhoes de cruzados.

RELOJOARIA BARROCAS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Bom sortimento em relógios de meza e parede; relógios mourês de pesos com figura na pendula; despertadores desde 500 reis.

Relógios de bolso, boas marcas — Vulcain Longines Civil Cronometro Naval e outras marcas, garantidos por um e dois annos.

Machinas de costura de diferentes marcas, e todas as peças pertencentes a estas machinas.

Cordões, correntes, argolas, brincos, botões, cruces, fios, alfinetes, anéis e berloques de ouro e prata.

Compra e recebe em troca ouro velho, moedas de ouro antigas ou modernas.

Concertos garantidos em relógios, machinas fallantes, caixas de muzica e objectos de ouro e prata.

Largo da Praça

(em frente da igreja)

Manuel Coelho Fernandes David.

PÃO DE LÓ

DA FABRICA DE
SANTO ANTONIO DOS MILAGRES
DE
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

E' uma especialidade que não tem competidor no nosso paiz.

Pedidos directamente á fabrica.

ESCRITORIO FORENSE

Rua do Ouro, 170, 2.º

Telephone 2:183. Telegr.º

«Leque» — LISBOA

LEITÃO & ALBUQUERQUE

N'este escriptorio, com a maxima seriedade e brevidade e sob a gerencia do socio Arnaldo d'Albuquerque, solicitador encartado n'esta comarca, se toma conta e dirige qualquer assumpto forense ou commerciar por preços relativamente modicos.

Pleitos judiciaes, taes como, habilitações, inventarios, separações, liquidações d'espolhos, despejos, etc., e quaesquer demandas em geral.

Recursos, em todos os tribunaes superiores.

Pendencias, em todos os ministerios, repartições, despachos ecclesiasticos, legalisação de procurações, certidões e quaesquer documentos estrangeiros e suas traducções ou quaesquer outras.

Recbimentos, de dividas, rendas,

fóros, pensões, juros d'inscrições, acções, obrigações, etc., e averbamentos d'estas.

Annuncios para o «Diario do Governo» e todos os jornaes da capital e provincias, reclames, etc.

Encomendas de toda a especie, suas remessas para a provincia, ilhas e colonias.

Assigaaturas de quaesquer obras litterarias scientificas e de recreio, tanto nacionaes como estrangeiras.

Administrações de casas particulares.

Representações de casas commerciaes e industriaes nacionaes e estrangeiras.

Sobre a seriedade e competencia d'este escriptorio dão referencia as seguintes casas commerciaes d'esta praça:

Eduardo Martins & C.º — R. Nova do Almada, 111 a 213.

Paiva Irmãos — Praça do Municipio, 13, 2.º

Francisco Antunes de Mendonça Sobrinho (Herd.º) — R. da Magdalena, 11.

Irmãos David (Retrozaria) — R. Garrett, 112 a 118.

Joaquim Nunes Coelho — R. de S. Paulo, 188.

Joaquim Pires Mendes — R. dos Bacalhoiros, 28.

Jeronimo Martins e Filho — R. Garrett, 13 a 19.

Afonso de Barros & C.º — R. Augusta, 72 a 79.

HOTEL CUNHA

AOS visitantes d'esta fermosa Villa, se recommenda o **Hotel Cunha** pelo seu bom tratamento, boas accommodações e esmeradissimo asseio.

Preços convidativos.

O Proprietario

João Pedro Godinho

FIGUEIRÓ DOS VINHOS.

Nota.—Este «Hotel» fica proximo da Alquilaria do Sr. José Teixeira d'Araujo.

FABRICA DE SABÃO

EM

PEDROGAM GRANDE

Acaba de ser montada e tem já á venda por grosso, todas as marcas de sabão uzadas até hoje.

Qualidades garantidas a preços resumidos.

Os proprietarios

José Henriques da Silveira & Silva.

Usae o Fuminol

Contra o vicio do fumar

Em poucos dias desaparece este prejudicial vicio bochechando com o «Fuminol» — que é inofensivo, não tem mau paladar e é d'um effeito seguro e rapido.

Frasco 400 reis.

Pelo correio 450 reis.

Remette-se a quem enviar a sua importancia á

—PHARMACIA CAMPOS—

Estarreja — Saheu

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhores situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia,

bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

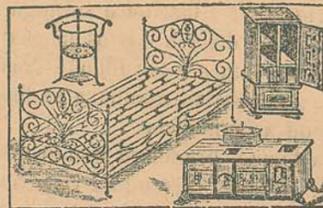
NA LOJA

DOS

QUATRO GLOBOS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda

camas de ferro a 2\$000, ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de ma-

deira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relógios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a bóa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

HOTEL COMMERCIAL

— PROPRIETARIO —

JOÃO LUIZ JUNIOR

Rua da Agua

(proximo á estação de diligencias da Campanhia de Thomar)

FIGUEIRO DOS VINHOS



Acaba de se inaugurar este hotel, situado n'um dos melhores pontos da Villa, em edificio moderno, construido expressamente para esse fim. Tem bons quartos, magnificamente mobilados, esculpando-se no aceio.

PREÇOS MODICOS

Atenção!—Na mesma casa se fornecem avulso quaesquer refeições, e petiscos, avisando-se previamente o seu proprietario.

Os dignos viajantes do commercio encontrarão aqui optimo tratamento e em condições excepçionaes para esta terra.

— CAZA DO BARATEIRO —

Esta caza commercial, situada por baixo do **Hotel Commercial**, tem sempre um completo e variado sortimento de chitas, fazendas, chapelaria e artigos de mercaderia, tudo por preços convidativos.

Na **CASA DO BARATEIRO**, — João Luiz Junior, o publico encontrará um variado sortido, em boas condições.

Eia pois! Ide á loja do **Barateiro**, se quereis ser bem servidos e por pouco dinheiro.